



Ministério

Adventista



Setembro-Outubro de 1961



DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Enoch de Oliveira

Evangelismo e Superpopulação

No apagar das luzes do século XVIII, quando na Inglaterra despontava triunfante o período industrial, veio a lume o discutido livro *Ensaio Sobre o Princípio da População*, escrito pelo brilhante economista Tomás Roberto Malthus. Nesta obra, após analisar os fenômenos de propagação e crescimento entre animais e vegetais, Malthus revela uma crescente e inquietante disparidade entre os recursos de subsistência e a população. Argumentando com o concurso dos números, dizia:

"Tomando-se a Terra tôda, a imigração deverá ser excluída; e, supondo-se a população presente igual a 1 bilhão, a espécie humana crescerá segundo os números 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, e a subsistência segundo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9. Em duas centúrias a população seria, em relação com os meios de subsistência, de 256 para 9; em 3 séculos, de 4096 para 13 e em 2.000 anos a diferença seria incalculável quase."

Diante desta sombria realidade—o acelerado crescimento populacional sem um correspondente aumento dos meios de subsistência—Malthus preconiza a abstinência do casamento, livremente aceita pelo indivíduo, a castidade voluntária, tendo em vista restringir a maré crescente de nascimentos.

Sem embargo, são decorridos 160 anos e os prognósticos sombrios do economista inglês não ocorreram consoante as previsões contidas em seu livro. Obstáculos repressivos—justificam os discípulos de Malthus—tais como as guerras, pestes, misérias, epidemias, vícios e outros flagelos, asseguraram um relativo equilíbrio entre o aumento da população e os recursos de subsistência.

Porém nas últimas décadas, verificou-se uma surpreendente diminuição no índice de mortalidade infantil. A escarlatina, a difteria, o sarampo, a tosse convulsa e outros antigos flagelos, foram quase completamente dominados, mercê das notáveis conquistas verificadas nos diversos ramos da ciência médica. Sim, terríveis epidemias foram debeladas. Enfermidades outrora consideradas incuráveis são agora vencidas pelos prodigiosos antibióticos manipulados nos laboratórios da ciência. Surgem novas técnicas nos domínios da cirurgia e progressos alentadores no campo da endocrinologia.

Com efeito, como resultado destes festejados triunfos da técnica sobre a enfermidade, assistimos o chamado "aumento explosivo" da população mundial, diante do qual se assombram até mesmo os mais intransigentes antimalthusianos.

Consoante os cálculos dos órgãos técnicos da Organização das Nações Unidas, dentro de 40 anos haverá sobre a terra 5.000.000.000 de seres humanos. No ano 2.050 (não figura nas previsões destes estatísticos a esperança adventista), se não houver solução de continuidade nesta alarmante progressão, teremos em nosso agitado planeta 9.000.000.000 de bocas para alimentar.

Num recente discurso o atual presidente dos EE. UU., referindo-se às nações subdesenvolvidas, afirmou: "A parte do mundo que cresce mais aceleradamente é, indubitavelmente, a América Latina. Sua população atual de 195.000.000 de habitantes representa um aumento de 30% neste último decênio, e na década compreendida entre os anos 1880-1890 o continente latino terá que suprir as necessidades de mais de 400.000.000 de seres humanos."

Em um artigo publicado no *World-Telegram*, de New York, assinado por Edwin Ellis, lemos: "O mundo deve alimentar cada ano a quarenta e sete milhões de bocas mais que no ano anterior. Este significativo crescimento corresponde à população da França.

(Continua na pág. 11)



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator — Arnaldo B. Cristianini
Colaborador especial:
J. J. Aitken

Brasil	
Assinatura Anual	Cr\$ 300,00
Número Avulso	Cr\$ 50,00
Estrangeiro	
Assinatura Anual	US\$ 2,00
Número Avulso	US\$ 0,35



ANO 26 No. 5

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Evangelismo e Superpopulação	
..... Enoch de Oliveira	2

ILUSTRAÇÕES

O Relógio Parado	3
Não Posso Sentir-me Salvo	3

ARTIGOS GERAIS

Unidade no Ministério	4
Quem é Idôneo?	6

OBRA PASTORAL

A Arca do Tesouro do Pastor	10
Grande Mensagem para Grandes Homens	12

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

O Curso Bíblico e a Série de Conferências	13
--	----

OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOU- TRINA

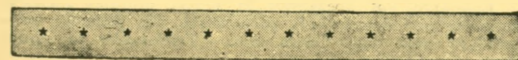
.....	16
-------	----

MISCELANIA

.....	20
-------	----

NOTÍCIAS DA IMPRENSA

.....	24
-------	----



Ilustrações

O Relógio Parado

— Seu relógio parece estar em greve — observei ao funcionário que se achava em sua mesa num escritório de companhia telefônica. Ergui os olhos para ver as horas e notei que o relógio não estava funcionando.

— Sim, ele está em greve — respondeu a jovem, acrescentando com certa mágoa — e não gosto de tê-lo assim. Não aprecio ter parada uma coisa que deve funcionar!

Deixei o local pensando em outras coisas paradas e que deviam funcionar. Pensei na Igreja de Cristo, parada, inerte e esquecida da Grande Comissão do Senhor. Pensei em muitas igrejas cujo alvo principal parece ser “manter os cultos,” quando foram designadas a levar luz, amor e vida em toda a extensão de suas comunidades.

Pensei nos mudos seguidores de Jesus, os quais jamais dizem alguma coisa a respeito dEle, e que são tão incommunicativos como o relógio de ponteiros imóveis. Pensei nos postos missionários em terras pagãs tolhidos ou abandonados por falta de fundos procedentes das igrejas do país. Pensei nas enormes pilhas de Bíblias e Testamentos nas prateleiras à espera de meios para serem distribuídos e difundidos como Palavra de Deus. Pensei finalmente nAquele de quem a igreja é o corpo, e em Seu desapontamento em face de nossa estagnação. Quase pensei em ouvi-Lo dizer, com tristeza, de Sua igreja comprada pelo Seu sangue, estas palavras:

— Sim, ela está em greve. Não gosto de tê-la assim. Não aprecio tê-la parada, ela que devia estar funcionando.

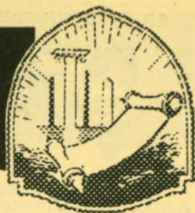
— *More Illustrations and Quotable Poems*, por A. Bernard Webber.

Não Posso Sentir-me Salvo

Martinho Lutero, num de seus conflitos com o demônio, foi perguntado pelo arquiinimigo se ele sentia seus pecados perdoados.

— Não — respondeu o grande Reformador — não sinto que estão perdoados, mas sei que o estão porque Deus assim o diz em Sua Palavra.

Paulo não disse: “Crê no Senhor Jesus Cristo, e te sentirás salvo;” mas “Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo.” — *3.000 Illustrations for Christian Service*.



Unidade no Ministério

W. E. MURRAY

Vice-Presidente da Associação Geral



NAS epístolas paulinas há muita coisa escrita acerca de instruções, exortações e explanações da unidade cristã. O apóstolo Paulo não apenas instrui e exorta os leigos a respeito d'este atributo, mas, em linhas bem definidas, instrui o ministério no mesmo assunto.

Constitui o ministério da Igreja elemento indispensável na edificação do reino de Deus na Terra. Em grande parte, está nas mãos do ministério a obra importante de aconselhar a igreja e os crentes.

O ministério deve ser unido, porque é enviado por Deus na missão de misericórdia para com o mundo. Muito embora a organização eclesástica ordene os ministros e lhes atribua o cargo, bem como lhes dirige o trabalho, o ministério é, em última análise, enviado por Jesus Cristo, e Ele é o modelo da unidade; portanto o ministério deve ser unido. O auxiliador do ministério é o Espírito Santo.

Ao estudarmos a obra da igreja primitiva e meditarmos nela, não podemos deixar de ser impressionados com a grande parte desempenhada pela unidade cristã no ministério daqueles tempos. Recrutado entre os crentes, no cenáculo, pela oração e súplica, bem como por consulta pessoal, ele — o ministério primitivo — era "um o coração." Os ministros ligavam-se mutuamente entre si, e também com os crentes. A surpreendente qualificação dos apóstolos era a unidade. Trabalhavam em harmonia; muitas vezes eram encontrados em conselho; suportavam juntos a perseguição. Ação em conjunto era seu primeiro conceito de serviço.

Há alguns inimigos da unidade entre os obreiros cristãos, contra os quais devemos estar alerta. Por vezes ocorre surgirem divergências entre obreiros cristãos, contudo alegro-me

que tal não se dá com muita freqüência. Estas divergências avolumam-se de um pequeno começo até grandes proporções. Um obreiro se ofende pelo que outro obreiro possa ter dito. Certos mal-entendidos surgem de quando em quando. Quando surgem divergências, a melhor maneira de esclarecer a situação é a instrução dada em S. Mateus 5:24: "Vai reconciliar-te". Apesar de toda a nossa luz intelectual, e das grandes descobertas feitas no campo da Psicologia, não há melhor processo de se chegar à unidade do que fazer o que o Senhor nos aconselhou. Arrepender-se, pedir perdão e esquecer é a fórmula exata e provada. Notemos nesta passagem que o Senhor não se está referindo a relações entre cristãos e incrédulos, mas expondo a relação que deve existir entre irmãos. Amabilidade especial a um irmão ofendido não substituirá a franca reconciliação cristã. Dar um presente ao ofendido não pesará na balança como a reconciliação.

Em Romanos 12:19 o apóstolo fala aos crentes para seguirem a instrução dada: "Não vos vingueis a vós mesmos, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; Eu recompensarei, diz o Senhor." Phillips assim traduz este passo: "Jamais façais vingança com as vossas próprias mãos, caros irmãos: recuai e deixai Deus punir, se Ele o quiser." Quando obreiros são envolvidos de tal forma que suas relações são perturbadas por mal-entendidos que aparentemente não podem ser removidos, então devem tomar a atitude do perdão, deixando toda a pendência ao juízo de Deus.

Outro inimigo da unidade é o fato de às vezes nos apegarmos às nossas próprias opiniões além de um limite prudente. Ouçamos estas palavras providas da pena da mensageira de Deus:

Enquanto nos apegarmos às nossas próprias idéias e opiniões com determinada persistência, não podemos ter a unidade pela qual Cristo orou. — *Testimonies to Ministers*, pág. 30.

Outra fonte de desunião entre irmãos surge às vêzes em grupos em que um sincero obreiro se opõe a um grupo de pessoas igualmente sinceras. Quando o obreiro deparar esta situação, o melhor a fazer é correr ao seu gabinete e, de joelhos, procurar o motivo.

O ministério da igreja cristã é a agência pela qual, de modo especial, se promove a unidade. Extraio minhas conclusões em parte dos escritos do apóstolo Paulo no quarto capítulo de sua epístola aos efésios. Ele nos diz que os dons dos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e ensinadores é "para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé." Na igreja deve prevalecer completa harmonia à medida que chegamos ao fim do tempo.

O apóstolo Paulo foi cuidadoso em ensinar unidade aos jovens obreiros. Encontramo-lo escrevendo a seu filho na fé, Timóteo, e logo no início de sua primeira epístola o assunto é unidade. No que tange ao caso mencionado na primeira epístola a Timóteo, girava em torno do que, naqueles dias, era conhecido como "fábulas e genealogias intermináveis." Evidentemente na época havia os que se inclinavam a dar importância em certos aspectos da doutrina, que, segundo o apóstolo "mais produzem questões do que edificação de Deus." Nas epístolas pastorais a ênfase é posta sobre a unidade em todos os aspectos da obra.

Outro ponto sobre a relação do ministro com a unidade é que, quando todas as atividades da igreja são levadas a efeito, devem ser feitas em estreita correlação não apenas com os princípios da unidade da igreja local e nacional, mas também com os princípios da igreja universal. Em meu conceito, um dos lugares em que o apóstolo lutou por muito tempo para promover unidade foi no caso da instrução aos crentes coríntios participarem na coleta para os santos em Jerusalém. Paulo entendia que um dos resultados da unidade é o sacrifício para o bem dos santos em lugares distantes. É provável que os coríntios cuidassem de seus pobres e necessitados, mas o apóstolo desejava que chegassem ao ponto de reconhecerem ser seu dever, como santos, fazerem algo em favor dos santos em Jerusalém.

A unidade cristã deve ser fiada em toda urdidura do tecido da igreja cristã. Tanto no cul-

to como no serviço devem os crentes estar unidos. Há uma declaração do Espírito de Profecia que vem a calhar neste ponto:

Alguns obreiros puxam com toda a força que Deus lhes deu, mas não aprenderam ainda que não devem puxar sôzinhos. . . . A menos que isso façam, sua atividade se processará fora de tempo e em direção errada. Trabalharão muitas vêzes contra aquilo que Deus deseja ver feito, e assim sua obra é mais do que inútil. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 488.

Não é bom sinal recusarem-se a unir-se a seus irmãos, e preferirem agir sôzinhos. — *Idem*, pág. 487.

Há maneiras simples e fáceis de se cultivar a unanimidade no ministério. Creio em expressar apreciação a um colega pelo seu exemplo de lealdade, diligência no trabalho, muito tempo de serviço, etc. Tenho observado que a apreciação é elemento que leva ânimo e segurança ao ministro, e une seu coração e mãos aos dos seus irmãos. Cessar de criticar e de achar falta em outro obreiro é meia batalha ganha na unidade cristã. É razoável crer que Jesus dispndia muito tempo orando ao Pai pela unidade de Seus discípulos. Devem os ministros orar pelos seus colegas, e desta forma se forjará uma cadeia de ouro.

Há em nosso ministério dinamismo que provém da unidade com nossos irmãos. O próprio fato de têrmos uma fôlha corrida limpa diante dos colegas e de Deus, será de inapreciável influência em nosso ministério. O sermos um exemplo de unidade influenciará enormemente o povo a ouvir com mais fervor o que pregamos. Se um obreiro cristão não estiver em boa paz com seus colegas e este fato circular por toda a parte, o seu ministério será influenciado desfavoravelmente.

A unidade cristã entre ministros será de importância cada vez maior à medida que nos aproximamos do fim do tempo. Surgirão situações tais que homens que não estejam unidos não poderão resolver com eficiência. Deve haver um despertamento no coração de todos os ministros da consciência, do poder e da influência da unidade cristã como requisito ao êxito de todos os nossos planos de organização. Primeiramente devemos adotar os grandes princípios fundamentais da unidade cristã, e a seguir sair a ensinar esses princípios à igreja de Deus, tanto por preceito como por exemplo.

Uma cadeia não é mais forte do que seu elo mais fraco. A unidade cristã da igreja de Deus é, em certo grau, apenas tão forte como a lealdade de cada crente. Fortaleçamos a unidade de nossa igreja.

A Obra é Para os Ativos

"Deus não tem emprêgo para homens preguiçosos em Sua causa; Ele quer obreiros atenciosos, bondosos, afetivos e diligentes." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 277.

Quem é Idôneo?

II Cor. 2:16, ú. p.

— MOISÉS S. NIGRI —

Presidente da União Sul-Brasileira



UM dos capítulos da Bíblia que talvez tenhamos passado por alto ou lido sem muito interesse, mas que me tem impressionado ultimamente pelas lições que contém para nós ministros, é o de Êxodo 28.

Fala da escolha de Arão e de seus filhos para o sacerdócio e também das vestes sacerdotais, de Urim, Tumim e da Lâmina de Ouro. Este capítulo contém grandes lições para o Ministério de hoje.

A Escolha de Sacerdotes

Lemos em Êxodo 28:1, o seguinte: “Depois tu farás chegar a ti teu irmão Arão, e seus filhos com ele, do meio dos filhos de Israel, para me administrarem o ofício sacerdotal; a saber: Arão, Nadabe e Abiú, Eleazar e Itamar, os filhos de Arão”.

Por que Deus escolheu sacerdotes? Temos a resposta em Heb. 5:1-4: “Porque todo o sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados; e possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também ele mesmo está rodeado de fraqueza. E por esta causa deve ele, tanto pelo povo, como também por si mesmo, fazer oferta pelos pecados. E ninguém toma para si honra senão o que é chamado por Deus como Arão”.

Vemos assim que a sua principal responsabilidade era a de agir como mediador, como um elo entre o santo e o profano, entre Deus e o homem. O sumo sacerdote em sua posição oficial não era apenas um homem, mas uma instituição, um símbolo, a própria encarnação do povo e o representante espiritual de todo o Israel. Para quê?

Para expiar os pecados do povo (Heb. 2:17), e ser um mediador, ministrando pelo pecado. Ele era como se cada israelita estivesse nele mesmo. Por isso, suas atitudes afetavam o povo todo; quando ele pecava, o povo pecava; assim, a nação inteira partilhava das conseqüências do seu pecado, pois sua ação

oficial era considerada como sendo a do povo mesmo. Mas, o contrário também se verificava, trazendo bênçãos dos Céus para toda a nação.

Pois bem, nós ministros de Deus, somos os sumo sacerdotes de hoje!

“Deus tem uma igreja, e ela possui um Ministério devidamente escolhido... Homens designados por Deus foram escolhidos para vigiar com zeloso cuidado...” — *Test. to Ministers*, págs. 52 e 53.

O que Deus esperou de Arão e de seus filhos, espera de nós hoje. Espera que sintamos o peso das almas sob o nosso cuidado; que nos sintamos realmente separados para ministrar e interceder como representantes do povo; que nossa preocupação seja a de Bera, rei de Sodoma, naquela guerra dos quatro reis contra cinco, quando disse a Abrão, depois da vitória e na repartição dos despojos: “Dá-me a mim as almas, e a fazenda toma para ti”. Gên. 14:21.

O ministro de Deus, em suas funções sacerdotais, não é simplesmente um homem; ele é realmente uma instituição, um embaixador. “Os ministros de Cristo na terra... são designados para atuarem em Seu lugar.” — A. A. 122.

É isto que também a igreja espera de nós.

Numa série de Concílios Ministeriais realizados na União Sul-Brasileira pelo pastor Enoch de Oliveira, secretário da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana, ele teve a feliz idéia de pedir a dois membros leigos de ótima reputação, que dissessem, perante os ministros ali reunidos, o que a igreja espera do seu pastor.

O irmão Werner Roloff, ancião da Igreja Central de São Paulo, depois de estudar o assunto com outros quatro leigos, alistou 40 pontos, qualidades que ele e a sua igreja desejam ver no ministro. Disse que deve ser pontual, cortês, amoroso, estudioso, agradecido, imparcial, etc., e terminou com o seguinte ponto, o de número 40: “Que revele profunda paixão pelas almas” (Joel 2:17).

Esta paixão pelas almas deve ser um característico do pastor, a sua maior preocupação.

Outro leigo, o irmão Arno Becker, ancião da Igreja de Blumenau, no Estado de Santa Catarina, dissertou sobre o que esperavam do seu pastor, dizendo o seguinte:

“Eu, como membro e ancião da igreja, sinto muito a responsabilidade que pesa sobre mim na salvação de almas. Então penso que a vossa responsabilidade como pastores é ainda muito maior que a minha; não porque recebeis um pequeno salário, mas porque esta é a vossa responsabilidade. Estais vigiando pelas vossas ovelhas? Sois um exemplo para elas? Não está o leão tragando as vossas ovelhas?”

“Eu tive na minha vida um grande desejo de entrar em tão importante Ministério, mas não pude. Lia alguns trechos do Espírito de Profecia e sentia a minha responsabilidade. As vezes penso que estou gastando tempo demais com os meus negócios particulares. Não deveria eu buscar mais as coisas espirituais de Deus?”

“Não são as coisas materiais como o ouro, a prata, que nos fazem felizes mas as almas que podemos buscar e curar. Paulo, em II Tim. 1:8-11, fala do que Deus espera do pastor. Ele mesmo sentiu tal responsabilidade. Não mediu sacrifícios e até sacrificou tudo para alcançar e curar as almas.

“Nosso campo necessita de obreiros, atualmente. Nós fizemos vários chamados, mas até agora todos rejeitaram. Por que? Por que um pastor ou obreiro rejeita um chamado? Por que não quer vir a um campo mais simples e a cidades pequenas? Devem seguir o exemplo de Isa. 6:8. Eu tenho sentido isto mais de perto, ao tomar parte nas Mesas da Missão e ao fazermos chamados a obreiros que não aceitam. Por certo alguns obreiros preferem ficar em lugares mais confortáveis. . . Mas Isaías não pensou assim e apresentou-se. O pastor não deve pensar tanto no bem-estar material, e nos melhores lugares, mas deve ir aonde Deus o chamar. A Obra é de Deus e Ele cuidará. Isaías não perguntou se o lugar era bom ou não. O pastor deve sentir a necessidade destas almas que estão longe e necessitam de ser curadas. II Cor. 12:10. Este era o sentimento de Paulo ao fazer o seu ministério. O amor de Jesus Cristo deve nos levar a buscar estas almas necessitadas.”

No “Manual para Ministros”, págs. 9 e 10, encontro este trecho maravilhoso: “O grande apóstolo, em sua carta a Timóteo, emprega uma bela e impressionante expressão para designar o representante de Cristo. Diz: ‘Homem de Deus’. Em tôdas as suas relações será um homem, verdadeiro homem, homem piedoso, será homem que como João Batista, proceda de Deus. Será varonil; será piedoso. É homem de Deus, pertence a Deus. Vem de Deus; representa Deus. Deve falar por Deus e de tal

maneira se renderá à influência divina que Deus por meio dEle poderá falar aos corações humanos.”

As vestes Sacerdotais

O verso 2 de Êxodo 28 diz: “E farás vestidos santos a Arão teu irmão, para glória e ornamento”.

Que vestes eram estas?

Quatro peças para o sacerdote: a túnica de linho branco, as ceroulas de linho, o cinto e a mitra.

E mais quatro peças para o sumo sacerdote: o manto com as campainhas e romãs, o éfode com as duas pedras grandes (que era a peça mais importante de todo o vestuário), o peitoral com 12 pedras, com o Urim e Tumim e a lâmina de ouro na mitra.

Estas peças tinham um significado simbólico, representando num todo, o caráter de Deus que Ele mesmo deseja ver na vida e no coração dos Seus filhos. Apoc. 19:8.

Mas as vestes dos sacerdotes em si, representavam utilidade e pureza interior e as do sumo sacerdote, glória e ornamento.

Por que glória ou honra?

Porque o sumo sacerdote sendo um ministro do Altíssimo, era empregado para realizar o ato mais importante entre Deus e o Seu povo, a intercessão ou mediação. Todo o Céu estava sempre interessado nesta intercessão, porque estava em jôgo a felicidade do homem. E ser um tal mediador era uma glória e honra. As vestes lhe seriam ainda uma constante lembrança de sua santa posição como mordomo dos mistérios de Deus. Daí o Senhor esperar dêles uma vida inteiramente consagrada ao Seu ministério. Que maior honra ou glória pode ser concedida a um homem do que ser mediador entre Deus e os homens?

Por que ornamento ou beleza?

Porque o sumo sacerdote deveria ser impressionado e impressionar o povo com a beleza da santidade de Deus e a pureza de seu culto ao Criador. Sal. 29:2. Suas vestes atrativas eram impressivas e solenes. Pensemos naquelas vestes alvas e puras, nas 16 pedras brilhando ao sol e as campainhas tocando quando o sumo sacerdote se movia de um lado para outro nos seus cultos a Deus! O povo sentia a beleza da santidade divina e o ornamento que a mesma é na vida dos que O servem.

Pois nós somos os sumos sacerdotes de hoje! “Tudo que dizia respeito ao vestuário e conduta dos sacerdotes devia ser de molde a im-

pressionar o espectador com um sentimento da santidade de Deus, de Seu culto, e da pureza exigida dos que entravam à Sua presença".— O. E., pág. 169:2. (Gospel Workers)

"O ministro deve-se lembrar de que sua atitude no púlpito, sua maneira de falar, seu vestuário, produzem nos ouvintes uma impressão favorável ou desfavorável. Cumpre-lhe cultivar a cortesia e a fineza de maneiras, conduzindo-se com a suave dignidade própria de sua alta vocação. Sua conduta se deveria caracterizar por um quê de solenidade e piedosa autoridade, aliada à mansidão".— O. E., pág. 168:1.

Porém, há algo mais neste capítulo 28 de Êxodo que me tem impressionado sobremaneira e talvez seja o simbolismo mais tocante das vestes sacerdotais.

Leiamos os versos 12, 29, 30, 34-38 (grifo nosso). "E porás as duas pedras nas ombreiras do éfode, por pedras de memória para os filhos de Israel; e Arão levará os seus nomes sobre ombros os seus ombros, para memória diante do Senhor . . . Assim Arão levará os nomes dos filhos de Israel no peitoral do juízo sobre o seu coração . . . Também porás no peitoral do Juízo Urim e Tumim, para que estejam sobre o coração de Arão, quando entrar diante do Senhor . . . Uma campainha de ouro, e uma romã, outra campainha de ouro, e outra romã, haverá nas bordas do manto ao redor; e estará sobre Arão quando ministrar, para que se ouça o seu somido, quando entrar no santuário diante do Senhor e quando sair, para que não morra. Também farás uma lâmina de ouro puro, e nela gravarás à maneira de gravuras de selos: 'Santidade ao Senhor' . . . E estará sobre a testa de Arão, para que Arão leve a iniquidade das coisas santas, que os filhos de Israel santificarem em tôdas as ofertas de suas coisas santas; e estará continuamente na sua testa, para que tenham aceitação perante o Senhor".

Que responsabilidade!

Sobre os seus ombros o sumo sacerdote carregava duas pedras de memória, com os nomes dos filhos de Israel, simbolizando assim que êle além de ser responsável por todo o povo, devia levar o fardo de Israel e seus pecados!

Sobre o coração carregava o peitoral com 12 pedras e em cada uma estava um dos nomes das 12 tribos, simbolizando o amor e afeição que deveria ter pelo povo e a constante lembrança de sua posição e responsabilidade no meio de Israel (Êxodo 28:29 ú. p.). Destacava-se também no peitoral as duas pedras, Urim, representando a aprovação divina e Tumim a reprovação; estas palavras significam, respectivamente, "luz" e "perfeição". (I Sam. 23:9-12).

Na cabeça, ou melhor, na testa, sobre a mitra, o sumo sacerdote levava uma lâmina de ouro onde estava escrito: "Santidade ao Senhor". Era o ponto culminante de toda a veste sacerdotal. A inscrição devia dar ao povo a mais elevada concepção do que é religião e apontar ao seu objetivo supremo. Mostraria também ao sumo sacerdote que o seu ministério não deveria ser uma mera formalidade, mas sim a consagração da sua própria vida e da do povo; era assim que o sumo sacerdote levava a iniquidade das coisas santas.

Pois bem, nós somos os sumos sacerdotes de hoje!

A mesma lição Deus deseja que compreendamos hoje: o ministério não deve ser considerado como mera formalidade por nós mesmos; antes que o seu objetivo é a consagração, sem reservas, de nossa própria vida e da daqueles que estão sob o nosso pastorado. Esta é a mais importante lição para nós ministros. Aquêles que falham em viver de tal forma, estarão sob a mais severa condenação de Deus.

É isso que Pedro aconselha em sua 1ª. carta, cap. 5, versos 2 e 3: "Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo, cuidado dêle, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto: nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho."

Tremenda é a nossa responsabilidade ao agir-mos como mediadores entre Deus e os homens!

Devemos carregá-los sobre os ombros!

Levá-los no coração!

Mostrar santidade de vida!

Isto quer dizer que o ministro de Cristo deve esquecer-se do próprio eu, pensar mais nas suas ovelhas, não se eximir das responsabilidades e cargas pesadas, procurar o bem-estar e felicidade do povo de Deus e compreender que cada ato seu é de vasta significação.

A inscrição "Santidade ao Senhor", que devia estar "sempre" na frente do sumo sacerdote quando êle oficiava, deve lembrar-nos "sempre", como a êle, da solene responsabilidade que repousa sobre nós como representantes do povo de Deus. (A segunda experiência está em "Gospel Workers" pág. 33:2.)

"Um ministro depois de haver pregado um sermão bíblico que levou profunda convicção a um de seus ouvintes, foi abordado com a pergunta:

— O Sr. crê realmente aquilo que pregou?

— Certamente foi a resposta.

— Mas é isso realmente assim? indagou o inquiridor.

— Certamente, disse o ministro, enquanto pegava a Bíblia.

Então o homem prorrompeu:

— Oh! se isso é verdade, que havemos NÓS de fazer?

“Que havemos NÓS de fazer?” pensou o ministro.

— “NÓS”? Que queria dizer o homem? Mas a pergunta abriu caminho à sua alma. Saiu dali para pedir a Deus que lhe dissesse o que fazer. Ao orar veio-lhe o pensamento de que tinha as solenes realidades da eternidade a apresentar ao mundo. Por 3 semanas o seu lugar no púlpito esteve vago. Estava buscando uma res-

posta à pergunta: “Que havemos nós de fazer?” O ministro voltou ao púlpito com a unção do Santo. Compreendera que seus sermões pouca impressão tinham feito. Agora sentia a terrível responsabilidade pelas almas. Ao chegar ao púlpito não estava só. Havia grande obra a ser feita, mas Deus estaria com êle. Assim começou um reavivamento que se estendeu pelas igrejas dos distritos vizinhos”. — O. E., pág. 31.

Eis a nossa premente necessidade e responsabilidade!

“E para estas coisas quem é idôneo?” (II Cor. 2:16)

“Não que sejamos capazes, por nós . . . , mas a nossa capacidade vem de Deus.” (II Cor. 3:5)

Não Devemos Especular Sobre Datas

“Deus pôs sob o Seu próprio domínio os tempos e as estações. E por que não nos concedeu Deus êsse conhecimento? Porque, se no-lo concedesse, não faríamos dêle uso correto. Dêsse conhecimento resultaria um estado de coisas tal entre nosso povo que retardaria grandemente a obra de Deus na preparação de um povo que subsista no grande dia que está para vir. Não nos devemos absorver com especulações relativas aos tempos e estações que Deus não revelou. Jesus mandou que os discípulos “vigiassem”, mas não por um tempo determinado. Seus seguidores devem estar na situação de quem espera as ordens do seu comandante; devem vigiar, esperar, orar e trabalhar à medida que se aproxima o tempo da vinda do Senhor; mas ninguém poderá predizer justamente quando chegará êsse tempo; porque “daquele dia e hora ninguém sabe”. Não podereis dizer que Ele virá daqui um ano, ou dois, ou cinco anos, nem deveis postergar a Sua vinda com declarar que não se dará antes de dez ou vinte anos . . . Não nos é dado saber o tempo definido, nem do derramamento do Espírito Santo, nem da vinda de Cristo.” — Ellen G. White, *Review and Herald*, de 22 de março de 1892.

Não foi inútil

As vezes desanimamos em nossos esforços de ganhar almas. Julgamos mesmo ter sido em vão nosso trabalho. Deus, no entanto, vela pela Sua Palavra, e ela não tornará vazia, mas prosperará.

Uma jovem, que gostava muito de flôres, cultivava uma roseira junto de um muro de pedra. A planta crescia vigorosamente, mas não florescia. A moça regava-a, cuidava da planta, fazia o possível para que produzisse. Tudo parecia sem resultado. Certa manhã em que a jovem, desapontada, permanecia perto da roseira, julgando que todos os seus esforços tivessem sido inúteis, ouviu a voz de sua vizinha, do outro lado. Era uma inválida que vivia prêsa à sua habitação. A parálitica lhe dizia:

— Minha amiga, você não pode sequer imaginar o quanto me tenho deliciado contemplando as lindas flôres da roseira que você plantou. Isto me tem feito muito bem.

A moça, erguendo-se sôbre o muro, pôde ver do outro lado, grande quantidade de botões e de rosas viçosas; é que uma haste da planta, atravessando um interstício do muro, fôra florescer luxuriamente do outro lado, no quintal da parálitica.

Eis uma bela lição. Muitas vezes somos tentados a julgar que os nossos esforços estão sendo inúteis, quando realmente estão êles produzindo efeitos que a nossa percepção não apanha. Nossa missão é fazer o bem, é semear, é plantar. Os frutos aparecerão onde e quando a Providência o determinar.



A Arca do Tesouro do Pastor

S. L. DOMBROSKY

Pastor da Associação da Flórida, EE.UU.



A ARCA do tesouro do pastor é seu arquivo de membros em perspectiva. Deus chama o homem para que envide todos os esforços no sentido de tornar-se mais eficiente e conseguir maiores resultados nas atividades de ganhar almas.

O arquivo, contendo fichas dos prováveis membros, será de grande valia para êsse fim.

O propósito do arquivo é ajudar-nos a lembrar fatos importantes relacionados com as pessoas que estamos preparando para o Céu. O portal do Céu é transposto pelo batismo. Nosso objetivo é preparar as pessoas para o batismo, pondo-as, desta forma, na estrada do reino.

O arquivo de membros em perspectiva deve conter o nome de todos os que, de algum modo, manifestaram interesse na mensagem dos adventistas do sétimo dia. Isto se pode obter de muitas fontes, incluindo as seguintes:

1. Ex-adventistas.
2. Interesses despertados pela "Voz da Profecia" e "Escola Radiopostal".
3. Pessoas que freqüentaram, no passado, séries de conferências.
4. Visitantes da Escola Sabatina e dos cultos.
5. Nomes apresentados pelos membros.
6. Nomes anotados por ocasião da Recolta e outros contatos.
7. Pessoas que compareceram a cerimônias de núpcias ou funerais.
8. Contatos por meio de visitas a doentes.
9. Jovens que crescem na igreja.
10. Contatos sociais e cívicos entre os líderes da comunidade e cidadãos influentes.

Lembrar sempre que tôda a pessoa com quem mantemos um contato é um membro em perspectiva para o reino. Temos que fazer tudo que estiver ao nosso alcance para levar homens e mulheres ao Salvador, e a seguir conduzi-los, com amabilidade e tato, a um estudo mais aprofundado na Palavra de Deus.

Um arquivo simples mas eficiente pode ser classificado da seguinte maneira:

Prováveis Membros AA — Pessoas que já estudaram as doutrinas e se estão preparando para o batismo.

Prováveis Membros A — Pessoas que estão estudando regularmente e certamente estão interessadas na mensagem da breve volta do Salvador.

Prováveis Membros B — Os que receberam visitas especiais, com probabilidade de se iniciarem estudos com êles mais adiante.

Prováveis Membros C — os que foram eliminados da comunhão da igreja; parentes "incrédulos" dos membros da igreja — geralmente maridos ou esposas.

Sugestões:

1. Devemos freqüentemente examinar esta lista, se possível todos os dias. Procurar conhecer pessoalmente os prováveis membros que constam de nosso arquivo.
2. Orar fervorosamente em favor de cada pessoa cujo nome consta nas fichas do arquivo.
3. Em nossas orações devemos buscar orientação especial para a visitação programada. (Achei-me, certa vez, nas vizinhanças de um de meus prováveis membros, que não planejava visitar aquêle dia. Contudo senti-me compelido a visitá-lo, e verifiquei que minha visita era muitíssimo necessária e foi de muita valia.)
4. Devemos conhecer nossos prováveis membros. Estudemos-lhes a fisionomia e as reações quando os visitamos e lhes falamos. Logo es-

taremos em condições de colocá-los automaticamente na devida classificação.

5. Nunca abandonar um provável membro — isto é, quase nunca. Podemos mudar a posição de sua ficha em nosso arquivo, porque às vezes o provável membro, por uma temporada, muda de procedimento. Uma mudança de circunstâncias na vida dêle torna-o provável membro A ou AA.

Provavelmente o pastor não pode visitar todos os membros em perspectiva tôdas as vezes que se torna necessário. Os leigos devem ser organizados — a começar pelos anciãos e diáconos — para visitarem as pessoas cujo nome se encontra no arquivo. Após cada visita deve-se relatar ao pastor, para que o resultado possa ser anotado na ficha.

As vezes uma ficha especial dá indicações mais ao jeito. Os prováveis membros podem ser relacionados de acordo com o bairro da cidade onde vivem. Boa medida é anotar no verso da ficha o nome do membro da igreja que resida próximo. Pode ser que êste membro possa visitar o interessado, servindo dessa forma a um duplo propósito:

1. O membro da igreja desempenha parte ativa no ganho de almas exatamente em sua própria vizinhança.

2. A fé do interessado se fortalece por ver um vizinho demonstrando interesse pessoal por êle.

Devemos certificar-nos de que nossos registros estejam de tal forma que nos ajudem a poupar tempo e energia. Aprendamos a manter êstes registros e anotações sem preocupação e perda de tempo. Façamo-los simples e eficientes, de modo que a maior parte de nosso tempo seja gasta em visitar pessoas e estudar com elas mais do que em registrar as anotações. O principal objetivo é torná-las viáveis para o nosso trabalho com elas.

Disse nosso Senhor de Si mesmo: "O Filho do homem veio buscar o que se havia perdido" (S. Lucas 19:10). Jamais Se permitira esquecer para que viera ao mundo, pois estava sempre buscando e salvando. Os que são chamados para ser Seus representantes devem tomar o motivo do Mestre como o motivo-mestre na conquista de almas. Façamos bom uso de nossa arca do tesouro dos membros em perspectiva.

Evangelismo e Superpopulação

(Continuação da pág. 2)

Evidentemente, estas cifras fantásticas prenunciam o melancólico desequilíbrio denunciado por Malthus, e, como resultado, a fome, a insegurança e a intranquilidade social.

Impressionados com a gravidade dêste problema, Sir Julian Huxley, ex-presidente da UNESCO, e mais 133 destacados estadistas, sociólogos e educadores, julgaram avisado advertir a ONU dos perigos dêste explosivo crescimento demográfico, tendo em vista preservar a civilização dos perigos ameaçadores do pauperismo, miséria e subnutrição.

Alberto Einstein, criador da teoria da relatividade, discorrendo sobre êste momentoso tema, sentenciou solene: "O crescimento fantástico da população há gerado uma situação nova, carregada de problemas de proporções ainda desconhecidas."

Como igreja, face a esta inquietante realidade, cabe-nos acelerar tôdas as nossas atividades, a fim de evangelizar, sem dilação de tempo, um turbulento planêta, cuja população aumenta em progressão geométrica. Para obra tão gigantesca necessitamos evidentemente do poder divino.

Cristo Jesus, no fim do Seu ministério público, comissionou os discípulos para a obra do evangelismo. Como mensageiros deveriam, naqueles idos, proclamar a graça de Jesus aos 230 milhões de habitantes, dispersos sobre a face da Terra. Sem embargo, êles revelavam pouca disposição, precária coragem e mui acanhada compreensão do Mestre e de Sua obra.

No cumprimento desta difícil tarefa era evidente a ausência de um equipamento eficaz para a obra de fazer discípulos de tôdas as nações. Êles careciam de colégios, hospitais, templos e organização, que lhes ajudassem no esforço por ganhar o mundo para Cristo.

Mas, diz o sagrado Livro: "E, ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos unidos no mesmo lugar; de repente veio do Céu um ruído como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa onde estavam sentados. Todos ficaram cheios do Espírito Santo..." (Atos 2:1-4). Era o derramamento do Poder prometido, anunciando a alvorada radiosa de uma época de evangelismo triunfante.

Na experiência gloriosa do Pentecostes os discípulos cobraram ânimo e se tornaram quais tochas ardentes, incendiando as multidões com as labaredas do cristianismo.

Igualmente como nos dias apostólicos, a Igreja se defronta hoje com uma responsabilidade que transcende os estreitos limites das possibilidades humanas. Com efeito, anunciar o evangelho transformador de Cristo a "toda tribo, nação, língua e povo", em um mundo convulso, onde o "aumento explosivo" da população constitui uma inquietante realidade, eis uma obra para homens extraordinários.

Temos, como Igreja, uma mensagem de esperança para um mundo desesperado. Elaboramos, como organização, excelentes planos e eficazes métodos de trabalho. Indicam, nossos orçamentos a existência de recursos financeiros. Contudo, é inquestionável a necessidade do Poder do Espírito Santo, com o qual estenderemos em rápidos e vibrantes movimentos os triunfos da cruz.

Grande Mensagem Para Grandes Homens

RODOLPHO BELZ

(Presidente da União Este-Brasileira)



CONTA-SE que certa vez um jovem pintor, não conseguindo produzir os mesmos pincéis do seu mestre, pediu a este que lhe emprestasse os seus pincéis a fim de que pudesse pintar como o mestre pintava. Os pincéis foram emprestados mas os quadros não saíram melhores. Desgostoso o discípulo devolveu os pincéis dizendo que também estes não o tinham auxiliado. Foi então que um velho amigo lhe segredou: “*Não são os instrumentos que valem, mas sim o Espírito do Mestre.*” — Sunshine Magazine.

Também nós podemos dizer para a presente época que não é levar diplomas e andar com a Bíblia, a máquina de projeção, os altofalantes, grandes promessas e muita música, (que aliás é muito útil e importante) que traz resultados, mas sim o Espírito do Mestre.

Mas, voltemos ao nosso assunto. A grande mensagem para grandes homens é a seguinte: “*Todos os que ocupam posições de responsabilidade precisam aprender a lição que é ensinada na humilde oração de Salomão. Devem sempre lembrar-se de que a posição jamais muda o caráter ou torna o homem infalível. Quanto mais alta a posição que um homem ocupa, quanto maior a responsabilidade que tem sô-*

bre si, tanto mais ampla será a influência que exerce, e tanto maior sua necessidade de sentir o melhor e mais santo caráter. Os que aceitam uma posição de responsabilidade na causa de Deus devem lembrar-se sempre de que com o chamado para esta obra, Deus os chamou igualmente para andar circunspectamente diante d’Ele e de seus semelhantes. Em vez de considerar seu dever ordenar e impor e comandar, devem reconhecer que lhes compete aprender. Ao deixar um obreiro de responsabilidade de aprender esta lição, quanto mais cedo fôr ele despedido de suas responsabilidades tanto melhor será para ele e para a obra de Deus. A posição nunca dará santidade nem excelência de caráter. Quem honra a Deus e guarda os Seus mandamentos, é ele mesmo honrado.” — Test. Seletos, Vol. 3, pág. 429.

Portanto, o que vale é humildade, dependência de Deus, compreensão e equilíbrio, respeito a Deus e aos seus coobreiros. O simples dar ordens, ditar e comandar os outros, é a parte mais fácil, mas fazê-lo com o Espírito do Mestre é que trás bênçãos e êxito à causa de Deus. Portanto, se és um dirigente, um diretor, um presidente, um grande na obra de Deus, aceita esta grande mensagem que Deus te envia e só então serás grande aos olhos de Deus e dos teus coobreiros.

Riquezas

“*Não é a vontade de Deus que Seus ministros procurem ser ricos.*” — Obreiros Evangélicos, pág. 340

Oração

“*Ou a oração fará com que o homem deixe de pecar, ou o pecado fará com que o homem deixe de orar.*”



O Curso Bíblico e a Série de Conferências

SALIM JAPAS

Evangelista da Associação Bonaerense

1. Evangelização das grandes cidades



SEMPRE que alguém nos fala de um *método eficaz único* de evangelizar determinada região, convencemo-nos facilmente. Múltiplos são os modos de alcançarmos o povo com a mensagem do Evangelho, como variadas são as

personalidades humanas às quais ela se destina. Onde se pode provar que a *combinação de diversos métodos* será grandemente produtiva numa campanha, quando os homens que a dirigem se dispõem a trabalhar com humildade e simplicidade.

Vivemos em tempos altamente problemáticos. O homem dos nossos dias que reside nos grandes centros urbanos oferece ao evangelismo um dos maiores desafios de todos os tempos — com seus gostos pervertidos, franca subversão na escala de valores, os interesses absorvidos pelas coisas materiais, submetido a tremendas tensões sensuais — exige em alta voz que o evangelista revise seu método de evangelizar.

O Espírito de Profecia reiteradamente nos afirma que o evangelismo é “a mais elevada de todas as ciências”, contudo alguns de nós temos procedido, por muito tempo, não como homens de ciência que se guiam pelos resultados de paciente investigação e avançam para a conquista do desconhecido, senão como simples amadores.

Não queremos que se dê mais valor a esta declaração do que aquilo que lhe corresponde, pois embora ponhamos muita ênfase nos métodos de evangelizar, destacamos ainda mais a insubstituível eficiência de uma vigorosa personalidade cristã posta a serviço da “ciência de

salvar almas.” Estes tempos mutáveis reclamam com urgência homens revestidos de envolvente poder espiritual; homens e mulheres originais que não se conformem com a mediocridade da imitação, mas que queiram correr o grande risco da divina aventura do evangelismo; homens dotados de equilibrada capacidade de adaptação e que queiram pôr em prática maneiras novas e antigas de alcançar os habitantes das grandes cidades. Que Deus nos dê homens assim!

2. Uma campanha bem sucedida em Avellanda (Argentina)

Iniciamos em 18 de junho de 1960, na cidade de Avellanda, uma série de conferências, cujo resultado, ligeiramente exposto, é o seguinte: A cidade de Avellanda, com 330.000 habitantes, considerado o maior parque industrial da República, tem uma população de trabalhadores na indústria. Constitui a cidade coração do grande cinturão industrial que rodeia Buenos Aires. A Associação Bonaerense, num grande esforço de ordem econômica e com a expressiva colaboração da Divisão, construiu na rua principal da localidade, um templo com capacidade para 500 pessoas sentadas.

A equipe evangelística compunha-se dos seguintes obreiros, além do subscritor deste artigo: Walter Solís, Carlos Viera, Ricardo Liernur, Oscar Palacios (cada um tendo uma igreja a seu cargo), Mary May, Enriqueta Ferraresi e Alicia de Viera. De acordo com o plano evangelístico, estabelecemos como alvo, em primeiro lugar atrair o interesse e o favor do auditório e, a seguir, ganhá-lo para Cristo e Sua igreja. Isto conseguimos, graças a Deus, preferindo inicialmente sete *conferências duplas*, isto é, cada conferência era precedida de uma *palestra médica* com duração aproximada de vinte minutos, a cargo dos profissionais ad-

ventistas, Drs. Enrique Schimpf e Alexandre Petre.

Nosso propósito final — o ganhar o auditório para Cristo e Sua igreja, foi alcançado mediante vários recursos, particularmente por meio do curso *Bíblico*. Ao chegar o dia 31 de dezembro, havíamos batizado, graças a Deus, 100 preciosas almas.

3. O curso bíblico e sua importância fundamental

Demonstrou-se, pelo menos em nossa experiência, que a classe bíblica coletiva é de valor inquestionável para a campanha de evangelismo, e de eficiência fundamental na conquista de almas. Sabemos que sempre se uniu a classe bíblica à série de conferências, porém num plano secundário. Nessa campanha atribuímos importância capital ao curso bíblico. Em Avelanda realizávamos classes semanais, sábados e domingos, sendo todas precedidas de projeções luminosas, objetivando contribuir para a cultura do público. Inscreveram-se 360 novas pessoas e 140 membros de igreja. Do total de alunos, 150 receberam certificados que atestavam comparecimento e aproveitamento, por haverem estado em 13 das 16 aulas ministradas. Outros 60 alunos compareceram entre 8 a 12 vezes.

Desejamos mencionar algumas vantagens que, do ponto de vista didático, apresentam as classes bíblicas em favor das conferências:

- (1) *Encurtam distâncias* não só em espaço material, como também no que refere à comunicação espiritual.
- (2) *Há mais aproveitamento do assunto* quando se analisa, com a Bíblia na mão, os grandes capítulos do plano da salvação. Lembremo-nos de que a Bíblia é nossa especialidade.
- (3) *Despertam rapidamente vivo desejo de estudar a Bíblia em seus "mistérios"* mais profundos.
- (4) Proporcionam ao evangelista ocasião de ser professor e não apenas orador ou conferencista.
- (5) *Selecionam com antecedência* um público particularmente interessado em assuntos religiosos.
- (6) *Facilitam o trabalho dos instrutores bíblicos*. Os lares abrem-se com mais facilidade aos que vão para ajudarem a compreensão dos pontos tratados na classe bíblica.
- (7) *Proporcionam aos interessados mais sólido fundamento doutrinário*.
- (8) *Levam-nos à decisão com maior rapidez e menos esforço*.

A irmã White dissera em 1897: "Se se pregasse a metade dos sermões que se pregam, e, em vez disso, se fizesse o dobro de trabalho pessoal, tanto nos lares do povo como nas congregações, ver-se-ia um resultado verdadeiramente surpreendente." (Manuscritos 139), e, em *Testimonies*, Vol. 6, pág. 87, acrescenta: "Deve haver menos pregação e mais ensino... À medida que o fim se aproxima, vi que... haverá menos pregação e mais estudo da Bíblia."

4. Didática da classe e temas sugestivos

Há uma técnica para a direção da classe bíblica. O ensino é uma arte e uma ciência, cujas leis convém conhecer. As seguintes indicações se demonstrarão eficientes em qualquer parte:

- (a) Estabeleça grupos consoante seus níveis intelectuais. Faça bastante propaganda da classe. Anuncie ao auditório que se estudarão na Bíblia as grandes respostas para os problemas do homem contemporâneo.
- (b) Organize bem um registro (*chamada dos alunos*). Reitere aos alunos que, se cumprirem as condições, receberão um belo certificado no término do curso. Isto contribuirá para manter e mesmo melhorar a assistência à classe.
- (c) Tenha Bíblias em número suficiente para emprestá-las no início de cada aula. Devem ser todas do mesmo tamanho para poderem indicar, em cada caso, o número da página em que se encontra a passagem que se deve ler.
- (d) Organize boa equipe de recepcionistas, entre os quais se deve pôr senhoritas e jovens de boa aparência, bem vestidos, e de maneiras agradáveis.
- (e) Entregue, no término de cada aula, um resumo impresso da lição do dia, indicando no rodapé da página breve bibliografia, a fim de que os que desejem possam aprofundar a investigação por sua conta. (Devem ser livros do Espírito de Profecia).
- (f) O primeiro e mais importante dever do bom ensinador é ser estudioso. Conheça o tema a fundo, o máximo que lhe permita a capacidade. Os alunos perceberão isto, e o apreciarão mais.
- (g) Lembre-se, enquanto estiver ensinando, que *você nessa ocasião é professor*, e não conferencista. Utilize-se de todos os recursos didáticos (ilustrações, quadro-negro, vistas, telas, etc.,) postos ao seu alcance.

- (h) *Seja simples* em sua linguagem e em seu porte no tratar de temas profundos. Não tema a profundidade mas fuja da superficialidade.
- (i) Facilite a seus associados a tarefa pessoal de visitação e estudo domiciliar, *criando uma problemática* cuja resposta deve ser objeto de referência aos instrutores. (Pode dizer mais ou menos assim: "Este problema   tão importante que não poderei consider -lo neste momento por faltar material de tempo, porém Fulano de Tal (o instrutor bíblico) conhece a resposta tão bem como eu: Perguntem-lhe e  le, prazerosamente, os ajudar ").
- (j) Que cada lição se torne ocasião única para *descobrir diante dos alunos a beleza sublime de nosso Senhor e Salvador*.
- (k) Os temas usados na campanha de Avelanda subordinavam-se a êstes títulos gerais: "A Verdade, o Homem e o Destino Eterno" e "Cristo e o Anticristo".

Sob o primeiro título consideramos a resposta às seguintes indagações:
 Que é o homem? (Sal. 8:4)
 Depois da morte, o quê? (J  14:14)
 Tens um fim ou às eterno? (O destino do mundo. S. Mat. 24:3)
 O sofrimento (S. João 9:1 e 2)
 A vida futura (S. Mar. 12:18-23)
 A salvação (Atos 16:30)
 A verdadeira religião (S. João 4:16-20)
 Sob o segundo título tratamos dos seguintes temas básicos:
 O Cristo e o Anticristo.
   Jesus Cristo Deus? Por quê?
 Quem é o Anticristo?
 O Conflito no Céu.
 O Conflito na Terra.
 A ponta pequena e o Anticristo.
 A verdade lançada por terra.
 Restauração da verdade.
 As b stas do Apocalipse 13.
 A Obra do selamento divino.
 Fim do conflito e vitória do povo de Deus.

Excesso de Trabalho

"Aquêles que se empenham constantemente em trabalho mental, seja estudando ou pregando, necessitam repouso e variação. O diligente estudante está constantemente forçando o cérebro, e f -lo muitas vêzes com negligência do exercício físico; e, em resultado, as fôrças físicas se enfraquecem, e o esforço mental   diminuido ... Se todos os nossos obreiros se achassem localizados de maneira que pudessem passar algumas horas, diàriamente, em trabalho ao ar livre, e se sentissem na liberdade de o fazer, isso lhes seria uma bênção ...

"Alguns de nossos ministros acham que precisam de realizar cada dia qualquer trabalho que possam relatar para a Associação. E, em resultado de o buscar fazer, seus esforços são muitas vêzes débeis e ineficientes. — *Obreiros Evangélicos*, págs. 239 e 240.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Os Escritos da Sra. White e Sua Relação com a Bíblia

(Original inglês de págs. 89 a 98)

Pergunta 9

Consideram os adventistas do sétimo dia os escritos de Ellen G. White em igual plano com os escritos da Bíblia? Colocam-na os senhores na classe dos profetas, de homens como Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel? As interpretações que ela faz da Bíblia são consideradas como autoridade final, e constitui a crença nesses escritos prova de comunhão na Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Qualquer que seja o intento destas perguntas, observaremos, apesar de desenvolvermos a tese mais plenamente mais adiante neste capítulo:

1. Que não consideramos os escritos de Ellen G. White uma adição ao cânon sagrado da Escritura.

2. Que não os julgamos de aplicação universal, como o é a Bíblia, mas particularmente se destinam à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

3. Que não os consideramos no mesmo sentido das Escrituras Sagradas, que permanecem única e exclusiva como padrão pelo qual todos os demais escritos devem ser julgados.

Os adventistas do sétimo dia crêem uniformemente que o cânon da Escritura se encerrou com o livro do Apocalipse. Sustentamos que todos os demais escritos e ensinios, qualquer que seja a fonte de que provenham, têm que ser julgados pela Bíblia e subordinados a ela, que é a fonte e norma da fé cristã. Aferimos os escritos de Ellen G. White pela Bíblia, mas em sentido algum medimos a Bíblia pelos ensinios dela. Ellen G. White e outros escritores nossos se têm pronunciado muitas e muitas vêzes sobre êste ponto.

Em seu primeiro livro, no ano de 1851, disse ela a respeito da Bíblia:

Recomendo-vos, prezado leitor, a Palavra de Deus como a regra de vossa fé e prática. Por essa Palavra devemos ser julgados. — *Early Writings*, pág. 78.

Tempos depois escreveu ela:

O Espírito não foi dado — nem nunca o poderia ser — a fim de sobrepor-Se à Escritura; pois esta explicitamente declara ser ela mesma a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser aferidos. — *O Conflito dos Séculos*, Introdução.

E em sua última aparição diante de delegados reunidos em Assembléia da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Washington, D.C., em 1909, após ter proferido mensagem a enorme assistência, ergueu a Bíblia com as mãos trêmulas pela idade avançada, e disse: "Irmãos e irmãs, recomendo-vos o Livro." Era uma atitude típica em tôda a sua existência sempre exaltar, acima de tudo, as Santas Escrituras como fundamento de nossa fé.

Jamais considerámos Ellen G. White na mesma categoria dos escritores do cânon da Escritura. Contudo, além dos escolhidos escritores dos livros canônicos da Bíblia, Deus Se utilizou de uma linha de profetas ou mensageiros que viveram contemporaneamente com os escritores de ambos os Testamentos, mas cujas declarações jamais fizeram parte do cânon escriturístico. Êstes profetas ou mensageiros foram chamados por Deus para darem ânimo, conselho e admoestação ao antigo povo de Deus. Entre êstes havia figuras como Natã, Gade, Enan, Asafe, Semaías, Azarias, Eliézer, Aías, Ido e Obede no Velho Testamento, e Simeão, João Batista, Ágabo e Silas no Novo. A linha inclui também mulheres como Miriã, Débora, Hulda, que foram denominadas profetisas, em tempos antigos, bem como Ana ao tempo de Cristo, e as quatro filhas de Felipe, "que profetisavam" (Atos 21: 9). As mensagens provindas dêstes profetas, deve-se reconhecer, provieram do mesmo Deus que falava através dos profetas cujos escritos foram incluídos no cânon sagrado.

Que alguns dêstes profetas não sòmente falaram mas também escreveram suas mensagens inspiradas é evidente da própria Escritura:

Os sucessos, pois, do rei Davi, assim os primeiros como os últimos, eis que estão escritos nas crônicas de Samuel, o vidente, e nas crônicas do profeta Natã, e nas crônicas de Gade, o vidente (I Crôn. 29:29).

Os demais sucessos, pois, de Salomão, tanto os primeiros como os últimos, porventura não estão escritos no livro das falas de Natã, o profeta, e na profecia de Aias, o silonita, e nas visões de Ido, o vidente, acerca de Jeroboão, filho de Nebate? (II Crôn. 9:29.)

É nesta última categoria de mensageiros que consideramos Ellen G. White. Entre os adventistas do sétimo dia foi ela reconhecida como possuindo o dom do espírito de profecia, embora jamais evocasse para si o título de profetisa. Em 1906 ela deu a razão disso. Membros da igreja que criam ser ela chamada para o encargo profético ficaram perplexos com uma de suas declarações públicas. Eis sua explicação:

Alguns se escandalizaram com o fato de eu ter dito não pretender ser profeta. . . . Ainda em minha mocidade fui indagada várias vezes: Sois profeta? Sempre respondi: Sou a mensageira do Senhor. Sei que muitos me chamavam profeta, porém jamais pretendi este título. . . . Por que não reivindicuei ser profeta? — Porque nestes últimos dias muitos que ousadamente pretendem ser profetas constituem uma reprovação à causa de Cristo; e porque minhas obras incluem muito mais do que significam a palavra “profeta”. . . . Pretender ser profeta é uma coisa que jamais fiz. Se outros me chamam por esse nome, não contendo com eles. Minha obra, porém, abrangeu tantos setores que não posso chamar-me senão uma mensageira. — *The Review and Herald*, 26 de julho de 1906.

Os adventistas do sétimo dia consideram os escritos dela como contendo conselhos e instruções inspirados concernentes à religião pessoal e à conduta de nossa obra denominacional. Sob a mesma inspiração escreveu ela também muito no grande terreno da história sagrada, abrangendo experiências do povo de Deus desde a criação do mundo até o estabelecimento final do reino de Deus, com ênfase especial na escatologia. Essa porção de seus escritos, contudo, que podiam ser classificados como predições, não é na verdade senão uma pequena parte. E mesmo ao tratar ela daquilo que sobrevém à Terra, suas declarações são apenas ampliações de clara profecia bíblica.

É significativo que em seus conselhos, ou “testemunhos,” a atenção do leitor é constantemente dirigida para a autoridade da Palavra de Deus como o único fundamento de fé e doutrina. Na introdução de um de seus maiores livros apresenta ela importantes princípios:

Em Sua Palavra Deus conferiu aos homens o conhecimento necessário à salvação. As Santas Escrituras devem ser aceitas como autorizadas e infalíveis revelações de Sua vontade. Elas são a norma do caráter, o revelador das doutrinas, a pedra-de-toque da experiência religiosa. “Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra.” II Tim. 3:16 e 17.

Todavia, o fato de que Deus revelou Sua vontade aos homens por meio de Sua Palavra, não tornou desnecessária a contínua presença e direção do Espírito Santo. Ao contrário, o Espírito foi prometido por nosso Salvador para aclarar a Palavra a seus servos, para iluminar e aplicar os seus ensinamentos. E visto que foi o Espírito de Deus que inspirou a Escritura Sagrada, é impossível que o ensino do Espírito jamais seja contrário ao da Palavra. — *O Conflito dos Séculos*. Introdução.

Conquanto os adventistas mantenham os escritos de Ellen G. White na mais elevada estima, eles não são a fonte de nossas exposições. Baseamos nossos ensinamentos nas Escrituras, o único fundamento de toda verdadeira doutrina cristã. No entanto, é nossa crença que o Espírito Santo franqueou-lhe à mente importantes acontecimentos e a chamou para dar certas instruções para estes últimos dias. E conquanto estas instruções, em nosso entender, estejam em harmonia com a Palavra de Deus, a qual unicamente nos torna sábios para a salvação, nós, como uma denominação, as aceitamos como conselhos inspirados do Senhor. Jamais, porém, as igualamos com a Escritura como falsamente nos acusam alguns. A própria Sra. White declarou claramente a relação de seus escritos com a Bíblia:

Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor tem dado uma luz menor para guiar os homens e mulheres a uma luz maior. — *The Review and Herald*, 20 de janeiro de 1903.

O Senhor designou-me para advertir, reprová-lo e aconselhar através dos testemunhos dados, e para impressionar vossa mente com a importância da verdade de Sua palavra. — *Test. for the Church*, Vol. 5, pág. 665.

Não obstante os adventistas do sétimo dia reconhecerem que o cânon da Escritura encerrou-se há aproximadamente dois mil anos, e que não houve acréscimos a esta compilação dos livros sagrados, crêem, contudo, que o Espírito de Deus, que inspirou a Palavra Divina conhecida por nós como a Bíblia, empenhou-Se em revelar-Se à igreja mediante os diversos dons do Espírito. O apóstolo Pedro, explicando os acontecimentos do Pentecostes, citou a profecia de Joel aplicando-a à obra magnífica do Espírito Santo naquele dia memorável. E o apóstolo Paulo, falando dos diferentes dons que Deus pusera na igreja, disse: “E Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Efés 4:11 e 12).

E por quanto tempo deveriam estes dons perdurar na igreja? “Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo, para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente” (versos 13 e 14).

Enquanto os filhos de Deus forem assediados pela astúcia do espírito do mal, a igreja necessitará destes dons especiais. Além disso, o mesmo apóstolo declarou que à igreja que aguardaria a volta do Senhor Jesus não faltaria nenhum dom para ser irrepreensível no dia de nosso Senhor Jesus Cristo (I Cor. 1:7 e 8).

Não entendemos que estes dons do Espírito tomem o lugar da Palavra de Deus, nem a acei-

tação dos mesmos anule a Escritura da verdade. Ao contrário, a aceitação da Palavra de Deus, guiará o povo de Deus a reconhecer e aceitar as manifestações do Espírito. Estas manifestações estarão, naturalmente, em harmonia com a Palavra de Deus. Sabemos que cristãos fervorosos têm a impressão de que estes dons cessaram com a igreja apostólica. Os adventistas, porém, crêem que o encerramento do cânon da Escritura não encerrou a comunicação do Céu com os homens através dos dons do Espírito,* mas ao contrário, Cristo, pelo ministério de Seu Espírito guia Seu povo, edificando-os e fortalecendo-os, e especialmente nestes últimos dias desafiadores da história humana. E é o Espírito Santo quem repara "particularmente a cada um como quer" (I Cor. 12:11). É Deus quem concede os dons, e é o próprio Deus quem assume a responsabilidade destas manifestações do Espírito entre os crentes. Ele chama um aqui outro lá e os faz depositários de dons espirituais específicos. Ele chama um para ser apóstolo, outro evangelista, outro pastor ou ensinador, e a outro Ele dá o dom de profecia.

Entendemos que todos estes dons estarão em evidência na igreja que estará "aguardando a vinda de nosso Senhor" (I Cor. 1:7). Nossa interpretação da profecia bíblica nos leva a crer que todos quantos integram o remanescente povo de Deus, nos últimos dias da história da igreja, enfrentarão tôda a fúria do poder do dragão ao empreender êle guerra aos que "guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo" (Apoc. 12:17). Essa expressão "Testemunho de Jesus" é claramente definida, cremos, pelo anjo em Apoc. 19:10. Diz êle a João: "O testemunho de Jesus é o espírito de profecia."

Comentando isto, diz James Moffat:

"Pois o testemunho de (i. e., suportado por) Jesus é (i. e., constitui) o espírito de profecia." Isto... especificamente define os irmãos que foram portadores do testemunho de Jesus como possuidores da inspiração profética. O testemunho de Jesus equivale praticamente a testificar de Jesus (xxii. 20). É a própria revelação de Jesus (de acordo com i. 1, devido em última análise a Deus) que move os profetas cristãos. — *The Expositor's Greek Testament*, Vol. 5, pág. 465.

O Espírito de profecia acha-se intimamente relacionado com o dom de profecia, sendo um o Espírito que dita a profecia, e outro a prova do dom outorgado. Andam juntos, cada um ligado inseparavelmente ao outro. O dom é a manifestação daquilo que o Espírito de Deus concede ao que, de acordo com Seu bom propósito e Seu plano, Ele escolhe para, por meio

* Ver A. G. Daniells, *Abiding Gift of Prophecy*.

dêle, dar a orientação espiritual. Os adventistas do sétimo dia crêem que êste dom se manifestou na vida e ministério de Ellen G. White.

Em resumo é isto o que o adventista entende dos escritos de Ellen G. White. Eles têm sido por cem anos, para empregar uma expressão dela mesma, "uma luz menor" guiando homens e mulheres sinceros a "uma luz maior."

Para responder a parte final da pergunta, diríamos que, ao passo que acatamos os escritos de Ellen G. White, e esperamos que todos os que se unem à igreja aceitem a doutrina dos dons espirituais manifestos na experiência dela, não fazemos da aceitação de seus escritos motivo de disciplina na igreja. Ela própria foi explícita neste ponto. Falando daqueles que não compreendiam plenamente o dom, disse ela:

Estes não devem ser privados dos benefícios e privilégios da igreja, se sua conduta cristã é, sob outros aspectos, correta, e tenham formado um bom caráter cristão. — *Test. for the Church*, Vol. 1, pág. 328.

Nós, pois, não aferimos o mundo, de modo algum, por estes dons. Tampouco, em nossas relações com outras corporações religiosas que se esforçam por andarem no temor de Deus, de modo algum fazemos dêles uma prova de caráter cristão. — *The Review and Herald*, 15 de fevereiro de 1870.

Tiago White, por três vezes presidente da Associação Geral, falando da obra de Ellen G. White, declara expressamente que os adventistas crêem que Deus a chamou "para realizar uma obra especial neste tempo, entre êste povo. Contudo, êles não fazem da crença nesta obra uma prova de comunhão cristã." — *The Review and Herald*, 13 de junho de 1871, pág. 205.

E esta tem sido nossa coerente atitude através de tôda a nossa história. Contudo, se alguém que é membro em nossa igreja perde a confiança nestes conselhos e depois promove animosidade entre os crentes, reservamos o direito de eliminá-lo da comunhão. Êste ato, porém, não é realizado por causa da falta de confiança de alguém nestes escritos, mas pelo fato de o descontente fermentar luta entre os crentes.

Depois de homens e mulheres terem tido prova de que a obra é de Deus, e a seguir dão as mãos aos que combatem contra ela, nosso povo tem o direito de separar-se dêles. — *Ibidem*.

F. M. Wilcox, por trinta e cinco anos redator da *Review and Herald*, nosso jornal eclesiástico, diz:

Na prática da igreja não tem sido costume eliminar alguém por não reconhecer a doutrina dos dons espirituais. ... O membro da igreja não deve ser excluído devido a sua incapacidade de reconhecer claramente a doutrina de dons espirituais e sua aplicação ao movimento do segundo advento. — *The Testimony of Jesus*, págs. 141-143.

Estas declarações refletem nossa atitude coerente através dos anos, e é nossa posição hoje em dia.

Cristo o Centro da Mensagem Adventista

PERGUNTA 10

Original Inglês da pág. 101 a 104

Não são o conteúdo espiritual e a ênfase evangélica de vosso programa radiofônico "A Voz da Profecia" e do programa de televisão "Fé para Hoje" um contraste com o âmago doutrinário e legal do Adventismo? Não são antes um convite à boa vontade, e uma sutil tentativa de atrair os que se matriculam em vossa Escola Radiopostal para que aceitem paulatinamente o âmago doutrinário e legal do Adventismo? Esta ênfase doutrinária e legalista é um reflexo dos conselhos de Ellen G. White?

NAS atividades evangelísticas dos adventistas do sétimo dia, quer por meio de programas, radiofônicos, pregação pública ou literatura, não há nenhuma tentativa sutil ou esforço com o objetivo de enganar. O centro da mensagem adventista é Cristo e Ele crucificado.

Podemos dizer com toda a sinceridade que os adventistas sustentam ser o cristianismo não apenas um assentimento intelectual a um corpo de doutrinas, não importa quão verdadeiras ou ortodoxas possam ser. Cremos que *cristianismo é uma experiência real com Cristo. Cristianismo é uma relação com uma Pessoa* — nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo. É possível conhecer-se milhares de coisas acerca de Cristo, e contudo não O conhecer. Esta situação, naturalmente, deixa o professo cristão tão distante de Deus como o está o perdido pecador.

Como adventistas, cremos claramente em *doutrina*. Sustentamos um corpo unificado de verdades bíblicas. *Contudo o que salva é unicamente a graça, por meio da fé no Cristo vivo*. E do mesmo modo o que justifica é sua graça gratuita e bendita. Cremos, do mesmo modo, em *obras*, e na plena obediência à vontade e aos mandamentos de Deus. Contudo as obras nas quais cremos, e que procuramos realizar, são o *resultado, o fruto* da salvação, e nunca um *meio* de salvação, no todo ou em parte. É a obediência que prestamos é a reação amorável de uma vida salva pela graça. A salvação jamais é ganha; é um dom de Deus através de Jesus Cristo. Por outro lado, conquanto sincero o esforço feito, as obras frustram a graça de Deus (Gál. 2:21).

Crems também que uma mensagem específica é devida hoje ao mundo, e que somos chamados à existência para termos uma parte na proclamação dela. Além disso, esta mensagem é simplesmente *o evangelho eterno no plano da grande hora do juízo de Deus, da iminente segunda vinda de nosso Senhor, e do preparo dos homens para se encontrarem com Deus*. O que, porém, prepara os homens para se encontrarem com Deus não é apenas uma mensagem de *advertência*, mas um *evangelho que salva*. Esta grande verdade fundamental está constantemente

te diante de nós, em nosso coração e em nossos esforços.

Repetimos que esta ênfase evangélica não é nenhuma sutileza, como se dá a entender na pergunta. Não é um engodo, um truque ou um chamariz. Ao contrário, constitui sério esforço para pôr as primeiras coisas definitivamente em primeiro lugar em nossas apresentações públicas da mensagem, e para que o mundo veja, ouça e conheça que a preocupação central do Adventismo é Cristo e Sua salvação.

Quanto aos conselhos de Ellen G. White sobre este assunto, suas mensagens por mais de meio século foram coerentemente invocadas para exaltar a Cristo e dar ênfase primordial na plena salvação nEle. Citamos alguns trechos de seus escritos:

De todos os professos cristãos, devem os adventistas do sétimo dia ser os primeiros a exaltar a Cristo perante o mundo. . . . O grande centro de atração, Cristo Jesus, não deve ser deixado à parte. Na cruz de Cristo é que a misericórdia e a verdade se encontram, e a justiça e a paz se beijam. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 156.

Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que todas as vossas forças converjam para dirigir ao "Cordeiro de Deus" almas confusas, transviadas, perdidas. . . . Seja a ciência da salvação o tema central de todo sermão, de todo hino. Seja Ele manifestado em toda súplica. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus. — *Idem*, pág. 160.

Apresentai a verdade como ela é em Jesus, tornando claras as exigências da lei do evangelho. Apresentai a Cristo o caminho, a verdade e a vida, e falai de Seu poder de salvar a todos quantos a Ele se chegam. — *Idem*, pág. 154.

Cristo crucificado pelos nossos pecados, Cristo ressuscitado dos mortos, Cristo elevado às alturas constitui a ciência da salvação que devemos aprender e ensinar. . . . É por meio do dom de Cristo que recebemos todas as bênçãos. — *Testimonies for the Church*, Vol. 8, págs. 287 e 288.

Nunca se deve pregar um sermão sem apresentar como a base do evangelho a Cristo, e Ele crucificado. Os ministros alcançariam mais corações, se salientassem mais a piedade prática. — *Obreiros Evangélicos*, págs. 158 e 159.

Cristo e Sua justiça — seja isto a nossa plataforma, a própria vida de nossa fé. — *The Review and Herald*, 31 de agosto de 1905.

Sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 315.

A mensagem do evangelho de Sua graça deveria ser apresentada à igreja em linhas claras e distintas, para que o mundo não mais diga que os adventistas do sétimo dia só falam da lei, e não ensinam ou creem em Cristo. — *Testimonies to Ministers*, pág. 92.

Destas citações apropriadas é evidente que os adventistas não podem extrair logicamente qualquer ênfase legalística de Ellen G. White, e jamais o fizeram.

Miscelânea

ARNALDO B. CRISTIANINI

Redator de "O Ministério Adventista"

Hermenêutica

EM sentido lato, Hermenêutica é o processo que objetiva a interpretação do sentido das palavras; em sentido restrito, é a arte de interpretar leis. Contudo, no sentido teológico, circunscreve-se à interpretação dos textos sagrados. A palavra vem-nos do grego *hermeneutike* (*hermen*, de Hermes o deus intérprete, *tekne*, arte, técnica), e é hoje aplicada em apurar o verdadeiro sentido dos textos escriturísticos. A *exegese* também constitui meio de esclarecer ou interpretar minuciosamente um texto ou mesmo uma palavra. Embora tenhamos uma sistemática doutrinária, vinda da revelação dada aos pioneiros da organização, corroborada pelo Espírito de Profecia e sedimentada na existência da denominação, há preceitos úteis que ajudam o estudante do Livro Santo a melhor compreendê-lo, e são princípios que se devem ter em mente. Ei-los:

1. Ler e reler o texto, com profunda atenção. Lê-lo em tôdas as traduções possíveis.
2. Ler demoradamente o *contexto*, isto é, os textos que vêm antes e os que vêm depois, formando uma seqüência lógica. Muitas vezes, isto é o bastante para esclarecer o sentido de uma passagem que nos parecia intrincada.
3. Comparar, valendo-se das referências no rodapé da Bíblia (ou da margem), com outras passagens que tratam do mesmo assunto. Isto se denomina *comparar escritura com escritura*. Aliás o melhor intérprete da Bíblia é a própria Bíblia. "Um pouco aqui, e um pouco ali", é indicado em Isa. 28: 10; daí se infere que a verdade se acha espalhada pelas várias partes do Volume Sagrado. É preciso sondá-lo, aqui e ali, para achá-la em sua plenitude.
4. Ver o texto na chamada "moldura contemporânea", isto é, fixar o fato mencionado nêle em sua época, usos e costumes. Há, não raro, referência a costumes locais, que não se aplicam a nossos dias, a não ser, é óbvio, nos casos em que caiba a analogia. Neste caso considerar... as (palavras) que o Espírito Santo ensina, *comparando* as coisas espirituais com as espirituais." I Cor. 2:13. Só assim se pode harmonizar o sentido, trazendo-o para o nosso tempo: apurar se houver uma *ordenança* ou mera menção a um costume da época.
5. Nunca isolar um texto de seu contexto e do teor geral das Escrituras. "... primeiramente... nenhuma profecia da Escritura é de *par-*

ticular interpretação." Nenhuma porção dos escritos sagrados — o que vale dizer nenhum texto — é de interpretação isolada, livre, exclusiva. Precisa estar em *harmonia* com o tema geral ou com o assunto a que se refere. 6. Fazer um exame *circunstancial*, perguntando: *o que motivou o assunto? A que se refere esta frase? O que tinha em mente o personagem ao dizer isto?* 7. Ver se, no caso, cabe generalização (extensão ampla) ou qualificação (aplicação restrita, fato específico). Há sempre o perigo de ampliação de sentido, em interpretação que deve ser *local* e não geral. 8. Cuidado com o que é *literal* e o que é *simbólico*. Muitos símbolos são revelados na própria Escritura. Por exemplo, a "vinha" é a casa de Israel, o povo de Deus. Isa. 5:7; S. Mat. 21:33, etc.; as "estrêlas" são anjos, Apoc. 1:20; Jó 38:7; Isa. 14: 12, etc.; as "águas" são povos, nações. Apoc. 17:15; Isa. 8:7 e 8, etc.; o "casamento" é a união de Deus ou Cristo com Seu povo ou igreja. Isa. 54:5; Osé. 2:19; II Cor. 11:2, etc.; o "vento" é guerra, luta. Jer. 51:1 e 2; Apoc. 7:1, etc. 9. Compulsar dicionários bíblicos, comentários e livros que abordem o assunto que se estuda, especialmente do Espírito de Profecia. Com relação aos livros proféticos, especialmente o Apocalipse, há, pelo menos três escolas principais de interpretação: a *preterista*, que situa os fatos no passado, de sorte que as profecias são cumpridas; a *futurista*, que os situa no futuro, e a *histórica*, que abrange o passado (ou seja a parte cumprida), o presente, isto é, o que se está cumprindo, e o futuro, o que está por cumprir-se, notadamente os eventos escatológicos. Esta última é seguida pelos adventistas. Escusado é dizer que todo estudo da Bíblia tem seu fundamento na oração e na humildade de espírito.

"Aflição Daqueles Dias"

Em S. Mat. 24:29 e S. Mar. 13:24 há alusão a uma "aflição daqueles dias" ou "aquela aflição." Dentro da nossa interpretação denominacional, vemos que se refere ao período *mais agudo* da perseguição que, na Idade Média, foi movida pelo poder apóstata contra os fiéis. Sabemos que o período total foi de 1.260 anos, começando em 538 A. D. e terminando em 1798 — período denominado de "supremacia papal." Contudo em 1773, a perseguição declinou

e praticamente cessou quando as principais nações da Europa concederam tolerância religiosa. A fase *mais aguda, a maior aflição para os fiéis* terminou em 1773, muito embora a supremacia do poder perseguidor só deixasse de existir completamente em 1798, com a queda do poder temporal.

Digno de Referência

Costumam os nossos oponentes citar Apoc. 1: 10 numa tentativa de provarem a guarda do domingo. No entanto, o célebre Concílio de Laodicéia (364 AD) que, no cânon 29 legislou contra o sábado e a favor do domingo, *não reconheceu* o Apocalipse como livro inspirado. Isto é importante. Quer dizer que até aquela data [mais da metade do IV século], não se podia citar o “dia do Senhor” como sendo o primeiro da semana. Um Concílio posterior, o de Cartago, acabou reconhecendo o Apocalipse como inspirado, completando destarte o cânon neotestamentário.

Pontuação nos Manuscritos

J. Angus, em sua obra “História, Doutrina e Interpretação da Bíblia”, Vol. 1, pág. 39, afirma que somente no século VIII é que foram introduzidos nos MSS alguns sinais de pontuação, e que no século IX introduziram-se o ponto de interrogação e a vírgula.

Mudanças Rápidas na Igreja Apostólica

Um livro recomendável é a “História da Igreja Cristã”, de Williston Walker, editado pela Imprensa Metodista. Falando dos pruridos de apostasia, ainda em plena época apostólica, diz: “Um dos períodos mais obscuros da história da Igreja é a dos quarenta anos entre 70 e 110. Isto é para se lastimar, porque foi uma época de *mudanças rápidas na Igreja*. E quando os característicos da igreja se distinguem de novo com clareza, a *concepção geral do Cristianismo ficou extraordinariamente destituída da impressão das idéias características de Paulo*. Muitos missionários desconhecidos deviam ter contribuído para isso, mas um influxo de *idéias de fora, trazidas pelos conversos pagãos, modificou as crenças e práticas cristãs* . . . A constituição da Igreja neste período sofreu grandes modificações . . .” (Pág. 45).

Falando da idéia de Imortalidade, registra: “Os fariseus ensinavam a existência de espíritos tanto bons como maus . . . [idéia] que recebeu grande impulso das idéias pérsicas. Acreditavam [os fariseus] . . . no galardão e suplicio eterno, *idéias que tiveram grande desenvolvimento nos dois séculos antes de Cristo*. . . Os discípulos de Cristo saíram da camada religiosa imbuída destas idéias.” (Pág. 21).

Eis um testemunho insuspeito, comprovan-

do que a imortalidade natural não proveio dos ensinamentos diretos de Cristo.

Com referência à observância do domingo, diz-nos ele: “No terceiro século já existiam as forças que produziram o costume. O domingo era o dia principal do culto . . .” (Pág. 110).

Finalmente extraímos esta citação tangenciada com a forma do batismo: “A imersão continuou como a prática prevalecente quase até o fim da idade média no Ocidente. No Oriente continua.” (Pág. 113).

Opinião de Pastor Batista Sôbre a Imortalidade

O Dr. George Dana Boardman (1828-1903), pastor da Primeira Igreja Batista de Filadélfia, instituidor da “Boardman Foundation of Christian Ethics”, na Universidade da Pensilvânia, escreveu no ano de 1880 interessante trabalho intitulado *Studies in the Creative Week*. Abordando o assunto da imortalidade, declara textualmente: “Do Gênesis ao Apocalipse, nem uma só passagem — quanto eu saiba — ensina a doutrina da imortalidade natural do homem. Por outro lado, o Livro Santo declara com ênfase que somente Deus tem a imortalidade (I Tim. 4:16); quer dizer: Deus exclusivamente possui a imortalidade inerente, em Sua própria essência e natureza, imortal. . .

“Se o homem então é imortal, é porque a imortalidade lhe foi outorgada. Ele é imortal, não porque fôsse criado nesta condição, mas porque se tornou assim, sendo sua imortalidade derivada dAquele que tem, Ele só, a imortalidade. Com relação a este fato, parece que a Árvore da Vida no meio do jardim do Éden fôra designada como símbolo e penhor. Que este é o significado da Árvore da Vida é evidente das palavras finais do registro da Queda: ‘Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavar a terra de que fôra tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida.’ (Gên. 3:22-24). Se o homem é inerentemente imortal, que necessidade teria da Árvore da Vida? Isto então parece ser bem claro; a imortalidade era, por qualquer razão, simbolicamente condicionada ao comer da misteriosa Árvore, e a imortalidade era para o homem integral — espírito, alma e corpo.” — *Studies in the Creative Week*, págs. 215 e 216.

Nem os próprios adventistas são tão explícitos ao expressarem sua posição doutrinária nessa chamada “questão anímica.”

A Reencarnação e a Bíblia

De prisca eras nos vem a idéia da transmigração das almas. Ao longo dos séculos, variando de matizes, aceita por vários povos da antiguidade oriental, foi a base da teoria reencarnacionista, hoje amplamente difundida. Cêrca do século VII A.C. surgiu a doutrina do *carma*, segundo a qual a alma está condenada a expiar, por meio de futuros renascimentos, a "carga" iníqua acumulada na vida.

As Escrituras Sagradas não abonam essa crença, que fere fundamentalmente o plano divino de redenção do homem. Anularia o sacrifício de Cristo para a salvação dos pecadores, pois estes se salvariam pelas obras e pelas sucessivas existências de expiação através dos tempos. Não haveria o Juízo — pois nestas sucessivas existências de prova estaria o próprio Juízo — não haveria a restauração edênica, o lar dos salvos imortalizados pela volta triunfante de Cristo.

Para justificar na Bíblia a idéia de reencarnação expiatória usou o *kardecismo* de um expediente simplista, dogmático e nada recomendável: a substituição deliberada da palavra "ressurreição" por "reencarnação". Em tórno desta falsa premissa gira tôda a dialética reencarnacionista. Há uma diferença abismal entre ressurreição e a pretensa reencarnação. Diz a Bíblia que a reencarnação é um milagre que ocorrerá "no último dia", porém *instantaneamente*, num ápice, num abrir e fechar de olhos e simultaneamente a todos os homens. É fenômeno amplo, universal, concomitante. É descrito com pormenores em I Tess. 4:13-17 e I Cor. 15:51 e 52. Com corpos glorificados pelo toque da imortalidade dado por Cristo, os remidos *saem* visivelmente dos túmulos. Ora, a pretensa reencarnação não ocorre nos túmulos, mas ao que se diz, ocorre no nascimento, operando no nascituro. Ocorre isoladamente, individualmente, em épocas diferentes, quando é permitido ao "espírito" reencarnar. E alguns ficam flutuando no espaço por séculos sem que possam animar outro corpo. Isto de modo algum se pode confundir com ressurreição.

Formou-se também uma dialética engenhosa, bem urdida, baseada em aparentes expressões bíblicas, para demonstrar que há, nas páginas sagradas, pelo menos um caso patente de reencarnação. Dizem uns: Elias liquidou os profetas de Baal, e para expiar essa falta teve de reencarnar em João Batista e acabou sendo decapitado. Lei de causa e efeito. Outra corrente afirma que Elias reencarnou no Batista, porque só êle tinha um *background* moral e espiritual capaz de ser o precursor de Cristo.

Lemos em Malaquias 4:5 a profecia da vinda do precursor: "Eis que Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor." O texto não alude à reencarnação. É uma promessa de que Deus enviaria um precursor, um preparador dos caminhos, um desbastador de arestas, um arauto para advertir e preparar pessoas para receberem a mensagem de Cristo. Por que Elias? O nome próprio "Elias" não significa necessariamente a "pessoa" de Elias, pois é usual na Bíblia essa espécie de metonímia. Os profetas aludem constantemente aos nomes de Efraim, Ju-

dá, José, Jacó e outros, não em sentido pessoal, mas institucional. Efraim significa o reino de Israel, as dez tribos do norte, por exemplo. No caso em tela, o nome de Elias indica antes o seu caráter, seu espírito, sua combatividade. A profecia refere-se a alguém que deveria vir "no espírito e poder" de Elias (S. Luc. 1:17), ou seja, que pregaria *uma mensagem semelhante* àquela de Elias. Cremos que antes do primeiro advento de Cristo esta obra foi realizada por João Batista, e antes do segundo advento de Cristo obra semelhante será realizada por aqueles que pregam o evangelho eterno, a mensagem especial para o tempo do fim. Basta um ligeiro cotejo entre Elias e João Batista para se perceber nitidamente a semelhança de seus perfis. É evidente a semelhança do mistério de ambos: um enfrentou o rei Acabe, o outro enfrentou Herodes; ambos foram vítimas de mulheres ímpias, um de Jezabel, outro de Herodias; ambos, com risco da própria vida, acusam pecados gravíssimos, com desassombro e franqueza. Ambos viviam modestamente, e alimentavam-se com frugalidade. Portanto a profecia de Malaquias não se refere evidentemente à mesma pessoa, mas a um mensageiro com os mesmos propósitos, a mesma coragem, o mesmo espírito (mentalidade, compreensão, argúcia, formação, trato), a mesma virtude, o mesmo poder.

A luz do próprio *kardecismo* se desfaz a suposição de que João Batista fôsse Elias reencarnado. Com base na evolução, sustenta êle que o "espírito" caminha em sentido sempre ascendente, para melhor, para o aperfeiçoamento. O "espírito" desencarnado erra no espaço e depois reencarna, subindo na escala espiritual. Não retrograda, não degenera, não involui. Ao contrário, progride sempre. Isto se lê no "O Livro dos Espíritos", da autoria de Allan Kardec, pergunta 118 à pág. 47:

"Pergunta — Podem os espíritos degenerar? ...

Resposta — Não."

E mais adiante, no mesmo livro, em resposta à pergunta 194, se lê: "A marcha do espírito é progressiva, jamais retrograda. Êles se elevam gradualmente na hierarquia e não descem da categoria a que cederam."

E isto é reforçado ainda pela pergunta 150, capítulo 3, do mesmo livro:

"Pergunta — A alma após a morte conserva a sua última individualidade?

Resposta — Sim. jamais a perde ...

Pergunta — Como comprova a alma a sua individualidade uma vez que não mais tem corpo material?

Resposta — Continua a ter um fluido que lhe é próprio, haurindo na atmosfera do seu planêta, e que guarda a aparência da última encarnação, o perispírito."

Ora, se a marcha do "espírito" é progressiva, se êle não degenera, não retrograda, se guarda a aparência da última encarnação, então no monte da transfiguração deveria necessariamente aparecer João Batista e não Elias, porque êste já reencarnara em João Batista, o qual também já havia morrido. Daqui não há fugir: o "perispírito" que devia surgir no monte teria fatalmente que ser o de "João Batista", guardando a *aparência da última encarnação*.

Segundo a Bíblia, porém, Elias foi arrebatado vivo para o Céu. Portanto não morreu, ou melhor,

não desencarnou, segundo a linguagem do espiritualismo. Sendo assim, seu "espírito" continuava animando seu corpo arrebatado lá no Céu, pois subira corporalmente sem desencarnar. Ora, para que pudesse animar o corpo de João Batista, era necessário que esse "espírito" se dividisse em dois. Lemos no "O livro dos Espíritos", pág. 57, pergunta 137, o seguinte:

"Pergunta — Pode um espírito encarnar dois corpos diferentes ao mesmo tempo?"

Resposta — Não. O espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente dois seres distintos."

Se Elias não morreu, seu "espírito" continuava consigo. João Batista tinha necessariamente "espírito" próprio. Elias e João eram seres tão distintos um do outro que alguns supunham que "João tinha ressuscitado dos mortos" e outros "que Elias tinha aparecido" (S. Luc. 9:7 e 8). Note-se aí o verbo "aparecer" usado em relação a Elias, o que indica não haver ele morrido.

Diremos ainda que João Batista era um homem de Deus. Dêle disse Cristo ser o maior homem nascido de mulher. Sabia qual era sua missão. Afirmava convictamente ser "a voz do que clama no deserto". Portanto sabia bem quem era. Pois a êle mesmo se fez a pergunta interessante. "E perguntaram-lhe... És tu Elias? E disse João: NÃO SOU." S. João 1:20. Isto põe termo ao debate.

Não há reencarnação na Bíblia. Outros tomam literalmente as palavras de Cristo em S. João 3:3, dirigidas a Nicodemos. Na verdade não entra no reino de Deus quem não "nascer de novo". Contudo Cristo não aludiu à reencarnação. Tôda a entrevista com Nicodemos gira exclusivamente em torno da conversão, do fenômeno da ação regeneradora do Espírito Santo, que resulta no indispensável renascimento espiritual, ou seja completa reforma de vida aqui neste mundo, dentro da atual existência. É o que poreja naturalmente do diálogo entre Jesus e o "mestre em Israel." Poderíamos acrescentar que a própria teoria reencarnacionista se acha formalmente desmentida nesse trecho, quando Jesus remata: O que é nascido da carne, É CARNE...", isto é, é sempre carnal, é sempre pecaminoso, é sempre indigno, iníquo, incapaz. O que é nascido da carne é sempre carne, não modifica, não altera. Poderá nascer uma, duas, dez, vinte, cinquenta, milhares de vêzes (se fôsse possível), será sempre carne. Não progredirá, não se aperfeiçorará. Continuará sempre carnal, vendido ao pecado, irregenerado, indigno do reino de Deus. E o agente transformador é o Espírito (não os "espíritos"). O Espírito Santo de Deus.

Os homens expiram, e depois nada mais resta a não ser enfrentarem o juízo. "E aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo." Heb. 9:27.

Um dos pontos basilares da autenticidade de nossa Mensagem é o estudo das 2.300 tardes e manhãs que, tomando por princípio a data de 457 AC, quando da saída do "decreto" para reconstruir Jerusalém, chega ao ano denominacionalmente histórico de 1844 — início do Juízo Investigativo e ano da "restauração da verdade" que fôra "lançada por terra." Além disso, a data marca o surgimento da igreja da profecia no cenário histórico mundial. Nesse ano teve a Sra. White sua primeira visão, iniciando-se assim a nova era em que o Espírito de Profecia iria orientar a igreja remanescente — a última igreja do Senhor.

Sempre que aparecem doutrinadores pretendendo ter profetas ou mensageiros inspirados, costume, de início, dar-lhes êste estudo do grande período profético dos 2.300 dias, provando que, qualquer profeta ou mensageiro que tenha surgido com mensagem antes ou depois de 1844 não preenche a especificação da profecia e, portanto, não é autêntico mensageiro do Senhor, por ter surgido fora de tempo.

De uma feita dei a um dirigente mórmon êste estudo, que o deixou irritado, porque, ao perguntar-lhe quando José Smith recebeu visão e iniciou seu ministério "profético", me respondera que o fizera no ano de 1827. Mostrei-lhe, pelo estudo a que me refiro, que tendo surgido antes de 1844 não podia ter as credenciais e não tinha a mensagem autêntica.

Não faz muito, na capital paulista, um cidadão de certa cultura perguntou-me se eu conhecia a "fé baháí." Achei estrambótica essa denominação, mas êle começou a explicar-me que se trata da religião verdadeira, com origem na Pérsia, derivado do babismo.

O Messias dessa religião é um tal Mirza Husain Baháulá, predestinado, e que em Bagdá teve a visão que lhe revelou inequivocamente ser êle nada menos que "Aquele que Deus haveria de manifestar", conforme o grande Bab anunciara em seus escritos. É êle o grande Manifestante de Deus, para os últimos dias. O Messias verdadeiro, cumprindo profecias de Bab.

Depois passou a apresentar-me os pontos de fé. Disse-me que Bab é o grande Profeta que escreveu acerca do surgimento do Predestinado. Bab foi insreado por Deus

Quando perguntei em que ano surgira êsse Bab como sendo profeta, fiquei estarecido ao ouvir:

— Foi em 1844.

Desisti de dar-lhe o estudo dos 2.300 dias, porque isso iria fortalecer o engano. Um falso profeta surgiu em 1844. Era só o que faltava. Não haverá nisso o dedo do arquienganador?

Que dúvida!

NOTÍCIAS - Da Imprensa



Islamização do Sudão

◆ O governador de Equatória, província do extremo Sul do Sudão, determinou a todos os missionários cristãos que fechassem suas livrarias e outras empresas comerciais em que operem. Esta foi a última de uma série de medidas restritivas impostas aos missionários por aquele governo, numa campanha para a "completa islamização do Sudão." Em certos lugares do país os missionários são compelidos a permanecer em seus postos, não lhes sendo permitido atender ou visitar doentes. Todas as autoridades locais no Sul do país receberam ordens de escolher entre o cristianismo e o islamismo. A ninguém é permitido permanecer pagão, e todos serão tratados com favor ou desfavor consoante a escolha feita.

Assistência Social dos Adventistas

◆ A Comissão de Socorro aos Flagelados, órgão da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia votou, em reunião realizada em Washington, D. C., construir na cidade de Nova York, um armazém no valor de cem mil dólares para substituir um prédio de três anos que se demonstrou já inadequado para conter o volume de suprimento de socorros. Espera-se, disse W. E. Phillips, secretário da Comissão, que o novo edifício com área de 700 metros quadrados situar-se-á próximo aos escritórios de transportes dos adventistas, Lado Este de Nova York. No atual armazém, situado em Woodside, Long Island, vinte e cinco toneladas têm sido separadas e arrumadas diariamente, grande parte para as vítimas do terremoto do Chile, afirmou o secretário. A igreja precisou alugar mais espaços para armazenamento desses suprimentos. Entre outras resoluções, a Comissão votou embarcar para o Chile 11.325 quilos de tinta para pintar casas, oferta de um fabricante de Michigan, e mais 150 mil dólares em vitaminas para o Chile, Hong Kong, Coreia e Filipinas doadas por duas firmas de suprimento médico. Três toneladas de roupa para verão serão despachadas imediatamente para a Birmânia.

Rolos do Mar Morto

◆ A exportação dos rolos do Mar Morto que

ainda se encontra no Jordão foi proibida por ordem do governo. Descobertos na caverna de Qumram na região oriental do Mar Morto durante os últimos 15 anos os formosos rolos — muitos deles fragmentos de textos do Velho Testamento — acham-se em várias mãos submetidos a pesquisas dos eruditos. Alguns rolos importantes são agora adquiridos pela Universidade Hebraica de Jerusalém, enquanto outros manuscritos se encontram nos arquivos de instituições teológicas. Um fragmento foi adquirido, há dois anos, por uma igreja de Nova York.

Supressão do Cristianismo

◆ Uma emissora de Moscou argumentou que com "a queda do colonialismo capitalista" na África, todas as missões cristãs "desaparecerão" do continente. A irradiação foi principalmente um ataque ao Vaticano e aos missionários católico-romanos na África. Descreveu-os como "favorecendo o colonialismo e a opressão."

Aumento Populacional Católico

◆ Um sociólogo da Universidade de Notre Dame predisse, em Nova York, que se o rápido crescimento da população católica nos Estados Unidos prosseguir na atual proporção, ocorrerão importantes mudanças na organização da Igreja e do pessoal. Afirmou o Dr. Donald N. Barret que a população católica desse país, que cresce no mínimo duas vezes em proporção ao aumento da população geral, dobrará para mais de 86 milhões em três décadas. Acrescentou que há no momento 43.650.000 de católicos americanos — cerca de 25 por cento da população total. Observou que, enquanto a população geral dos Estados Unidos cresceu 16,6 por cento entre 1950 e 1959, o número de católicos americanos subiu para 35,8 por cento no mesmo período. "Em outras palavras," disse, "41,1 por cento do total do crescimento dos Estados Unidos provieram do setor católico da população." Entre as razões por que cresce a população católica, enumera os elevados índices de nascimento e baixos índices de óbitos, o aumento de batismo de adultos, à afluência de porto-riquenhos, e pessoas deslocadas.